

A CONCHA ACÚSTICA JÁ FOI UM POINT CULTURAL, MAS HOJE AS APRESENTAÇÕES SÃO RARAS. NA REVITALIZAÇÃO DO PROJETO ORLA, O ESPAÇO FOI ELEITO UMA DAS PRIORIDADES DO GOVERNO

Projeto Orla ganhará novo pólo

GIZELLA RODRIGUES

DA EQUIPE DO CORREIO

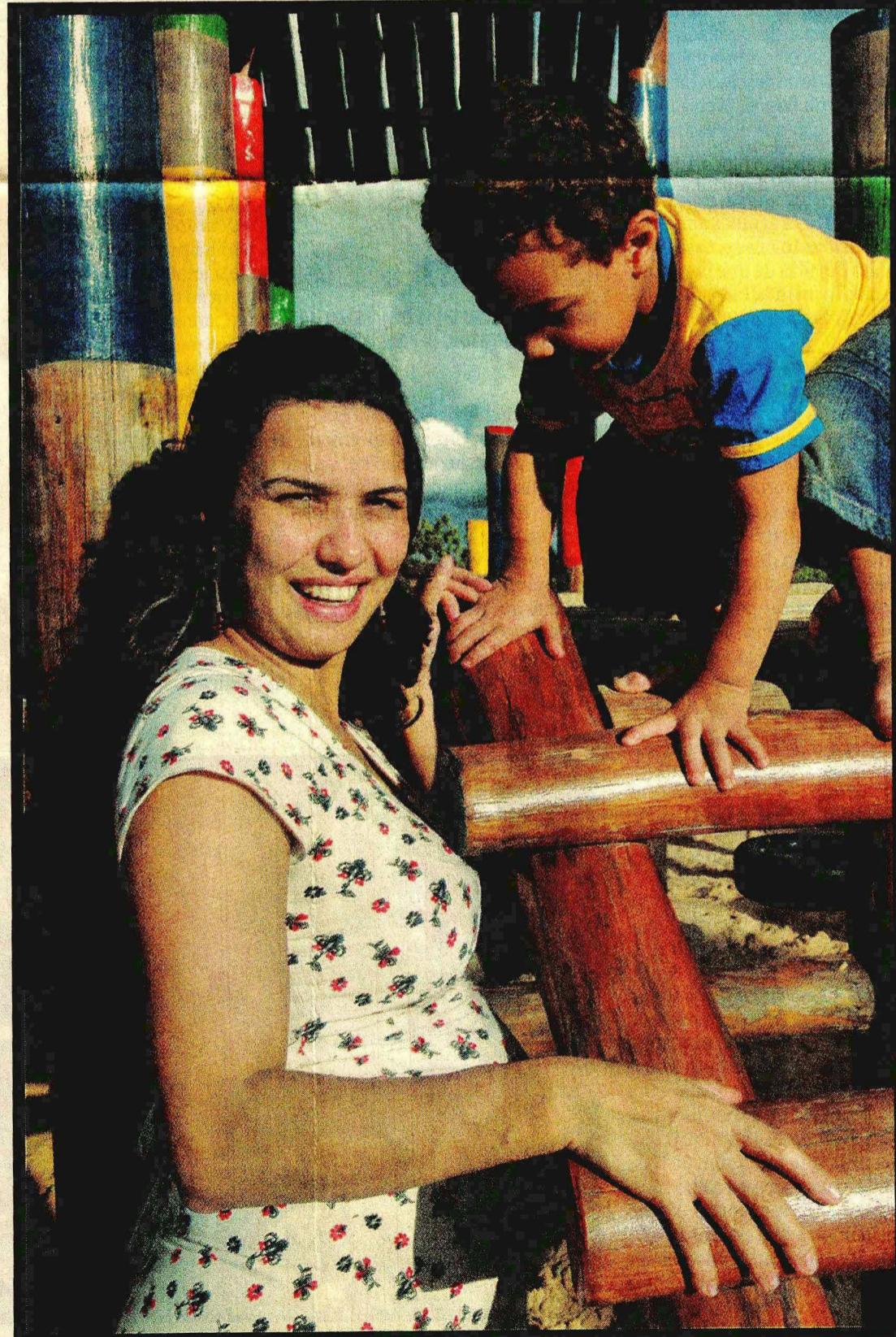
A transferência dos bares do Plano Piloto para as margens do Lago Paranoá, estudada depois do novo horário de funcionamento imposto desde o último dia 17, é só o começo da reativação de um projeto esquecido nas gavetas da burocracia há 12 anos. O governo pretende, até o fim de 2008, instalar mais um pólo do Projeto Orla, em frente à Universidade de Brasília (UnB). Além disso, vai revitalizar o único espaço do projeto sob administração pública construído desde o lançamento do programa: a Concha Acústica.

No último dia 25, a Empresa Brasiliense de Turismo (Brasiliatur) contratou, por meio de licitação, um escritório de arquitetura e urbanismo para reestudar o Projeto Orla. Em 90 dias, um novo projeto será entregue ao governo. De acordo com o diretor de marketing e negócios da Brasiliatur, Ivan Valadares, a idéia é dar uma identidade aos pólos à beira do lago. "Vamos padronizar, por exemplo, a infra-estrutura nos terrenos para que todos sejam parecidos", conta.

A Concha Acústica e a área perto da UnB foram eleitas os dois pólos prioritários, mas a empresa de arquitetura estudará a área dos sete espaços previstos que ainda estão vazios para ver quais empreendimentos são adequados para cada um dos terrenos. Valadares diz que um deles será destinado para a área náutica e terá uma grande marina com espaço para empresas de aluguel de lanchas, jet-skis e caiaques. Um dos pólos será destinado para gastronomia, e o projeto também indicará qual deles é mais adequado para receber os bares das entrequadras do Plano Piloto. "Nem todos serão transferidos, apenas aqueles com música ao vivo que incomodam os moradores", explica o diretor da Brasiliatur.

Em 2008 também deverá ser concluída a construção de um complexo de restaurantes ao lado da Ponte JK, que também faz parte do Projeto Orla. Quando estiver pronto, esse será o terceiro pólo concretizado dos 11 idealizados em 1996. Os 11 pólos seriam interligados por uma alameda, mas, além da Concha Acústica, apenas o Pontão do Lago Sul saiu do papel. Administrado pela iniciativa privada, o local atrai até sete mil pessoas durante os fins de semana.

Adauto Cruz/CB



YASMIN E TARIK, NO PONTÃO: "ONDE MAIS LEVARIA MEU FILHO PARA BRINCAR ÀS MARGENS DO LAGO?"

Diffícil concretização

A idéia da construção dos pólos às margens do Lago Paranoá era fomentar o turismo da capital, criar empregos, dar mais opções de lazer aos brasilienses e, principalmente, democratizar o acesso ao principal cartão-postal da cidade, hoje praticamente restrito aos moradores dos Lagos Sul e Norte. Uma pesquisa feita pela Universidade de Brasília (UnB) no ano passado, porém, aponta a pouca inserção da

comunidade e a falta de investimentos do poder público como os principais empecilhos para a implementação do projeto.

De acordo com Josana de Oliveira Lima, aluna do Centro de Excelência em Turismo (CET) da UnB e autora do estudo, o primeiro problema é a incompatibilidade entre os anseios da população e os empreendimentos previstos no Projeto Orla. Segundo ela, os pólos são feitos para a elite e não para todos os moradores do

DF. "Quem está mais distante, nas outras cidades do DF, vê o lago como algo muito distante. Até mesmo o Projeto Orla foi pensado para os moradores do Plano Piloto. A população como um todo não enxerga o lago como opção de lazer", afirma.

Outro problema, segundo a pesquisadora, é que os pólos foram concebidos para serem administrados pela iniciativa privada. O governo faria a infra-estrutura básica, como asfalto, água,

luz e esgoto nos terrenos e licitaria a área para empresas privadas. "Acontece que o governo não providenciou essa infra-estrutura e, assim, não atraiu investimentos privados", diz. A concessão do terreno para a iniciativa privada ocorreu no Pontão do Lago Sul, o único pólo do Projeto Orla que deu certo. Em 1996, a Empresa Sul-Americana de Montagem (Emsa) venceu a licitação da Companhia Imobiliária de Brasília (Terracap) e conquistou o direito de explorar a área por 30 anos.

Lazer

A administração do Pontão informou que recebeu a área sem qualquer infra-estrutura. A Emsa investiu cerca de R\$ 20 milhões para urbanizar o local. Hoje, quem freqüenta o Pontão pode usufruir de ampla área verde, parque infantil, ciclovía à beira do lago, além de quatro restaurantes. Yasmin Yehia, 31 anos, leva o filho Tarik, de dois anos e sete meses, pelo menos uma vez por semana para brincar no parquinho, andar de bicicleta ou caminhar pela orla. "A gente não paga nada para entrar, é cheio de criança, é um outro ambiente. Onde levaria meu filho para brincar às margens do lago se não fosse aqui? Só se tivesse uma amiga que morasse no Lago Sul ou Norte", diz.

O outro pólo construído é a Concha Acústica, mas, ao contrário do Pontão, a cena no local é desoladora. O local, que já foi o point cultural da capital federal, está abandonado. As apresentações na Concha Acústica são raras e os quiosques estão fechados, depredados e viraram moradia de mendigos. A calçada de pedras portuguesas, resultado de um investimento de R\$ 1,3 milhão do governo, está quebrada. Agora, o GDF promete reverter a situação. "O lago é um local muito agradável e a revitalização da Concha Acústica é prioridade. Precisamos combater a privatização da orla", afirma o diretor da Brasiliatur, Ivan Valadares.

Josana de Oliveira Lima, a pesquisadora da UnB, sugere que, antes retomar o Projeto Orla, o governo deve fazer adequações no projeto. Um deles é em relação à questão ambiental. As construções da Concha Acústica e do Pontão não respeitam a legislação ambiental, que determina um afastamento de 30 metros da margem do Paranoá. "Ambos retiraram a vegetação nativa, mas o caso mais grave é o da Concha Acústica, onde todo o terreno foi cimentado. No local, restou apenas uma árvore", conta Josana.